

A RUA, O FUTEBOL E A ESCOLA: SOBRE VIVÊNCIAS FORMATIVAS

Giordano Barbin Bertelli

Instituto Federal de São Paulo, Câmpus São Carlos

giordano.bertelli@ifsp.edu.br

Eixo temático: Cultura, Sociedade e Relações de Poder

Resumo: O objetivo do texto é revisitar aspectos de minha trajetória formativa enquanto educador-pesquisador, auxiliando a situar analítica e propositivamente questões que tem se apresentado tanto em minha atividade docente quanto na pesquisa de campo em desenvolvimento. Seleciono um momento específico de minha trajetória, cuja vivência permitiu experienciar processos educativos conflituosos e potencialmente sinérgicos, significativos para minha formação e imprescindíveis para o esboço de um projeto de pesquisa em elaboração. Termino por apresentar uma hipótese analítica que encaminha as questões apresentadas e esboçar um horizonte de possibilidades que serve de parâmetro às proposições buscadas.

Palavras-chave: *Trajetória(s)/vivência(s) formativa(s). Processos educativos. Emancipação.*

1. Considerações iniciais

O presente trabalho consiste em um duplo exercício: i) extrair traços significativos de minha trajetória formativa enquanto educador/pesquisador; ii) situar algumas questões relativas que têm se colocado à minha prática docente com a mesma recorrência que aparecem em situações de campo no escopo de um projeto de pesquisa sobre processos educativos operantes nas práticas associativas de lazer agenciadas por participantes de batalhas de MCs: qual o lugar e o papel dos processos/projetos educativos na composição de forças que configuram o cenário contemporâneo de produção de marginalidades de classe, raça e gênero; e no agenciamento de processos contra-hegemônicos de subjetivação da prática emancipatória (HOOKS, 2017).

O objetivo de pesquisar tais questões consiste em identificar, descrever, compreender, práticas e saberes, formas associativas, processos de luta e mobilização que compõem experiências, processos e produtos de ensino-aprendizagem em contextos institucionais e comunitários que permitam propor e desenvolver parâmetros, relações e práticas que auxiliem no direcionamento de processos educativos emancipatórios.

Este trabalho restringe-se à apresentação de um esboço de hipótese que encaminha as questões apresentadas e de um horizonte de possibilidades que serve de parâmetro às proposições buscadas. A experiência educacional – histórica e subjetivamente situada – escolhida para o relato, embora crucial na minha trajetória formativa, por si só, não é o suficiente para esgotar a *explicação* da minha atual posição de professor doutor na Rede Federal de Educação Básica, Técnica e Tecnológica. O mesmo posso dizer sobre o direcionamento que minha trajetória tomou depois de concluir a Educação Básica: graduação em História e pós-graduação em Sociologia. Entretanto, creio que a escolha é bastante elucidativa para compreender as motivações dos projetos e questões de pesquisa que me acompanharam na pós-graduação: a representação do popular na cultura letrada das elites da Primeira República e, posteriormente, os sentidos políticos da estética do Hip-Hop. Questões

que agora reformulo, como mencionado anteriormente, no campo de pesquisa em Ensino.

2. Entre a rua e a escola

Nascido em fins dos 1970 no interior do estado mais rico e desigual do país, São Paulo, primeiro filho de um casamento classe média urbana branca, mãe professora dos anos iniciais do Ensino Básico e pai funcionário administrativo da burocracia privada, os anos iniciais de minha experiência educativa, transcorridos sob tais marcadores de classe, raça e gênero, podem ser lidos como fatores que contribuiriam para sustentar uma tendência a orientar minha trajetória aos circuitos de sociabilidade e à ocupação de posições que, embora desacompanhadas da herança da posição de proprietário, assinalam as condições daqueles que contam com as vantagens do privilégio. Pelas ruas, praças e então numerosos “campinhos” de futebol, eram frequentes as caixas de engraxates, carrinhos de sorveteiro e cestas de salgadinhos produzidos na “Casa da Criança”¹. Esses agrupamentos juvenis espelhavam-se pelos bairros da cidade, sobretudo em função de vínculos de vizinhança, portanto, de uma lógica de acesso ao emprego/moradia marcadamente de classe e raça. Não era incomum entre os colegas empenhados em tais atividades, aqueles cuja baixa frequência à escola muitas vezes manifestava-se nas falas típicas de então, tais como “não tô indo mais na escola”, “minha mãe me deixa faltar”, ditas em meio às brincadeiras da rua ou do futebol, na eminência da hora de ir pra escola. A depender da localização e da composição das rodas, a “mulecada” contava como iminente a passagem da “Kombi” do Juizado de Menores – percepção futuramente transferida para a viatura da PM. Este cenário permite especificar o privilégio mencionado: ocupava um lugar mais próximo dos que compravam os salgadinhos e dos que “optavam” pela escola.

Dos que frequentavam o ensino formal assiduamente, a grande maioria dos quais ostentando marcadores sociais análogos aos meus – lembro que separada do prédio de dois pavimentos, principal da escola, funcionava, anexa ao prédio destinado ao que então chamava-se “prézinho”, a “sala especial”, onde encontravam-se a maioria dos aluno(a)s preto(a)s e pobres da escola – eu contava entre aqueles cujos laços e rotinas constituíam-se em torno da articulação de táticas grupais de alternância entre a rua e a escola. Alternância espacial – pulando o muro da rua para escola ou da escola para rua. Alternância cultural – “contrabandeando” práticas associativas e de lazer da rua para a escola. Além dos “tolerados” jogo de bater-bafo com figurinhas de chiclete e bolinha de gude – de fácil improvisação nas rodinhas do intervalo ou praticado “escondido” durante as aulas – aos mais paramentados futebol de botão e pingue-pongue, providos pela instituição. Os jogos e brincadeiras incluíam ainda uma variedade de jogos de cartas, dados e palitinhos.

Diferente daqueles primeiros, “tolerados” pela cultura institucional escolar de então, estes últimos, assim como hoje, já eram sumariamente enquadrados na categoria “jogos de azar” e pretensamente proscritos. Entretanto, entre tais práticas de lazer, talvez tenha sido a prática do futebol aquela que mais centralidade tenha desempenhado em minha trajetória educativa, tanto no que concerne ao seu papel de catalisador de relações de cooperação X obediência ou de competição X rivalidade –

¹ Principal instituição religiosa de caridade destinada à infância local

ou, para quem via de dentro, – de “amizades” e “rixas”, típicas das dinâmicas dos grupos juvenis, quanto ao seu perfil de prática tensamente situada na fronteira entre processos educativos formais e informais, vivenciada enquanto intercâmbio e conflito entre repertórios e sintaxes socioculturais que podem ser lidos, por um lado, como táticas associativas grupalmente agenciadas na experiência de “institucionalização” escolar da infância e, por outro, como um conjunto de procedimentos que compõem estratégias (CERTEAU, 2009) de disciplinalização (FOUCAULT, 1987) e funcionalização da infância e da pobreza. Na quadra da escola – cujo uso durante as aulas regulares era predominantemente destinado ao basquete, vôlei e, mesmo há alguns anos de 1988, à marcha de feitio militar, ouvíamos com frequência as ponderações do professor de educação física: “Futebol vocês não jogam... trazem muitos vícios da rua”. As vivências do futebol nos campos improvisados na rua, nos canteiros de praças ou terrenos baldios só eram preteridas em favor das que ocorriam na quadra da escola aos finais de semana.

3. Considerações finais

Embora necessariamente parcial a experiência educacional relatada permite acessar certas relações de força que configuravam o cenário educacional de então – algumas das quais persistentes. Motivam uma hipótese e uma perspectiva que permite contextualizar as problematizações e questões apresentadas. Hipótese: a existência de trajetórias cujo delineamento passa por itinerários institucionais distintos, estratificados segundo classe e raça (produzir/vender salgadinhos na casa da criança e/ou ocupar postos informais de trabalho infantil na iniciativa privada e/ou correr da Kombi do juizado de menores X frequentar a escola regularmente; ser destinado às classe regulares X à “classe especial”, por exemplo) parece encorajar a investigação do funcionamento de um dispositivo heterogêneo (em termos institucionais, de atores, saberes e práticas) de gestão da pobreza, dentro do qual os processos educativos institucionais ocupam um lugar específico que cabe investigar. A segunda: do aluno displicente pretendente ao futebol ao cenário do professor doutor, parece ter havido: ampliação de acesso à instituição escola; progressiva violação da experiência de escolarização; progressiva obstrução da democratização do processo aprendizagem-ensino-aprendizagem. Ambas podem conferir empiricidade às questões de pesquisa apresentadas e auxiliar na particularização dos processos com os quais se confrontam as proposições e os objetivos esboçados. A experiência da heterogeneidade e conflituosidade dos processos educativos proporcionada pela vivência relatada, parece ter algo a contribuir com a proposições educativas que motivam nossas pesquisas e a prática docente que desejamos.

Referências

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes do fazer. Petrópolis, Vozes, 2009.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes, 1987.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.